



# PROFISSIONAIS DE SAÚDE SÃO DOS MAIS MAL PAGOS DA EUROPA

Luís Pitarma recebeu telefonema de Marcelo



**Inglaterra** Boris Johnson teve alta e agradeceu a enfermeiro de Aveiro

**Pandemia** Fim das medidas restritivas só quando houver vacina

**Educação** Telescola volta três décadas depois

**Famílias** Centenas de pedidos de apoio por falta de liquidez

**Vinho** Queda das vendas afunda produtores Páginas 4 a 20

**BALANÇO 504 MORTOS 16 585 INFETADOS 277 CURADOS**





# Profissionais de saúde recebem menos que os colegas europeus

**Sindicatos dizem que pandemia revela como qualificações e desgaste não são devidamente reconhecidos**

**Regime de risco e penosidade previsto na lei do trabalho nunca chegou a ser regulado**

Ana Gaspar  
agaspar@jn.pt

**COMPARAÇÃO** Estão na chamada "linha da frente" do combate à Covid-19. Médicos, enfermeiros, técnicos de diagnóstico e terapêutica, assistentes técnicos e operacionais, uns mais mediatizados do que outros. Em cenário de pandemia, ficam à vista as discrepâncias dos salários destes profissionais, no Serviço Nacional de Saúde, quando comparados com os que são atribuídos às mesmas funções em países que nos são mais próximos.

Os sindicatos não têm números concretos dos vencimentos lá fora. Os dados internacionais também são escassos. Em 2017, revela a Pordata, as despesas em saúde portuguesas representaram 8,9% do produto interno bruto (PIB) - Espanha 8,9%, Itália 8,8%, França 11,3% e Alemanha 11,4%.

No caso dos assistentes técnicos e assistentes operacionais, José Abraão, dirigente da Federação dos Sindicatos da Administração Pública (Fesap), sublinha que estes "têm sido até agora os mais desvalorizados de todo o sistema". Basta olhar para Espanha, onde "o salário mínimo são 1000 euros". "Percebe-se com relativa facilidade as discrepâncias que há fazendo as mesmas funções", afirma ao JN, acrescentando que a Fesap tem vindo a requerer a regulamentação do subsídio de risco e de penosidade, previsto na Lei do Trabalho em funções públicas.

No segmento dos técnicos superiores de diagnóstico e terapêutica, o cálculo é mais difícil, são várias as carreiras, com diferenças entre países. De acordo com Luis Dupont, presidente do Sindicato Nacional dos Técnicos Superiores

de Saúde das Áreas de Diagnóstico e Terapêutica, os valores para os profissionais de análises clínicas, brutos e no início de carreira, variam entre os 16 800 euros/ano em Portugal e os 53 200 a 79 800 na Suíça. No en-

tendimento deste responsável, o risco "deve ser diminuído ao mínimo". No entanto, defende que "a qualificação destas pessoas", bem como "o desgaste físico e psicológico" inerente ao meio em que trabalham, devem ser valorizados.

**11 225**  
milhões de euros para a Saúde contemplados no Orçamento do Estado de 2020, que contou com um crescimento de 941 milhões em relação ao ano anterior. Em 2018, mais de quatro mil milhões do orçamento da Saúde foram destinados a despesas com pessoal.

**137 187**  
trabalhadores no SNS em fevereiro, de acordo com o balanço social do Ministério da Saúde. O grupo profissional mais numeroso é o dos enfermeiros, com 45 555. Seguem-se os assistentes operacionais: 26 994.

**16 800**  
euros/mês para um médico belga no topo da carreira, em 2011, dizem os dados mais recentes da Federação Europeia dos Médicos Assalariados. Na altura, em Portugal, um clínico no início ganhava 1300 euros e no topo chegava a 3090.

**29 000**  
é o salário anual médio dos profissionais de saúde portugueses, segundo o jornal espanhol "La Razon", citando várias fontes. Em Espanha, a média é 54 mil euros, França 95 mil, Grécia 32 mil e Alemanha 125 mil.

**PAGAMENTO DIFERENCIADO** Guadalupe Simões, dirigente do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses (SEP), explica que os salários destes profissionais no estrangeiro varia entre regiões nos próprios países. É o exemplo de Espanha. Na Andaluzia, o vencimento é inferior ao pago em Madrid ou na Catalunha. "O que esta pandemia demonstra é que temos muito poucos enfermeiros", frisa, acrescentando que as responsabilidades dos profissionais ficaram ainda "mais visíveis, bem como a necessidade de um melhor salário. Tal como a regulamentação da penosidade e risco.

O presidente da Federação Nacional dos Médicos (FNAM), Noel Carrilho, lembra que, em comparação com outras carreiras da administração pública, estes profissionais demoram muito mais tempo a entrar. Só depois "de muitos anos de diferenciação" são tratados "como médicos de pleno direito. Esta seria a "altura ideal" para a tutela pagar de forma diferenciada o trabalho nas urgências e regular o regime de risco e penosidade. Mas "não vão ser os médicos a sugerir-lo agora".



**Célia Moura, 48 anos**  
ASSISTENTE OPERACIONAL NO C. H. DO MÉDIO AVE

**"As pessoas não têm noção do que fazemos"**

**URGÊNCIA** Escolheu as urgências por "todos os dias serem diferentes" e permitirem-lhe o desenvolvimento de uma "maior capacidade de trabalho". Célia Moura é assistente operacional no Centro Hospitalar do Médio Ave há 15 anos e distribui a atividade pelo Hospital de Famalicão e pela unidade de Santo Tirso.

"A maior parte das pessoas não tem noção do que fazemos. O assistente operacional leva colheitas ao laboratório a correr, se o doente está em estado grave, acompanha-o às salas de exame, limpa-o se vomitar, leva-o à casa de banho e ouve as reclamações de quem está à espera de ser atendido", explica. Por outro lado, sem os assistentes operacionais, muitas vezes os médicos e enfermeiros não podem avançar no tratamento dos doentes. "E preciso limpar e higienizar as macas, as salas de emergência e as de consultas", conta. Quando o doente sai de uma ambulância, o primeiro contacto que tem é com o assistente operacional, que o acompanha até à urgência. Quis o destino que, em março, o gesto de levar uma manta a uma doente da urgência numa noite fria, sem diagnóstico de Covid-19, acabasse por ser a causa mais provável da infeção pelo novo coronavírus, que entretanto contraiu e a levou ao isolamento, onde ainda permanece. Sabe que a doença está a sobrecarregar as colegas e espera poder regressar ao trabalho e à família, o mais depressa possível.

Sobre o salário é assertiva: "Nós ganhamos muito mal". Recebe 635 euros brutos, mais cinco euros do que o salário mínimo. "Há bem pouco tempo, só recebíamos 580 euros", revela, adiantando que as pessoas que não têm necessidade não dão valor ao que é ter uma "vida regrada".

**SALÁRIO:**

**635 €**





**Silvia Conde, 42 anos**  
TÉCNICA DE ANÁLISES CLÍNICAS NO HOSPITAL S. JOÃO

“Profissão tem sido muito desprezada”

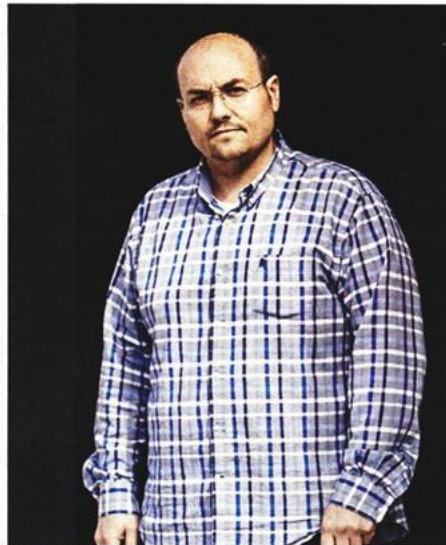
**LABORATÓRIO** Silvia Conde é técnica de análises clínicas há duas décadas. Trabalha no laboratório de biologia molecular – no qual se fazem as análises à Covid-19 –, do Hospital de S. João, no Porto. Um serviço sem mãos a medir, dada a carga de trabalho que lhes é pedida. Ao fim do mês, com horas extras, o salário líquido pode chegar aos 1100 euros, apesar de ainda estar no primeiro patamar da carreira, com o salário base de 1201 euros.

“A nossa profissão tem sido muito desprezada”, afirma, sublinhando que é uma atividade que obriga a formação constante. “Tenho vários cursos na área e estou a fazer o mestrado em microbiologia molecular”. Mas este investimento, que Silvia e os colegas fazem a título individual, acaba por não ter repercussão na carreira, incluída na dos Técnicos Superiores de Diagnóstico e Terapêutica (TSDT). O único retorno é a “satisfação pessoal”. “A realidade do país é assim, mas não nos devemos contentar. Tem que haver um equilíbrio”.

Pragmática, classificando-se como tendo o “pé no chão”, esta profissional de saúde é da opinião que não irão ser atribuídos subsídios ou prémios de desempenho para compensar o esforço dos que trabalham na área. Mas espera que o contributo agora dado traga reconhecimento a estas profissões. Que se poderia traduzir, por exemplo, na valorização da carreira e na abertura de mais concursos para a progressão. Além disso, entende que os TSDT deveriam ser mais convocados para as tomadas de decisão. São 18 profissões, sublinha, e não conseguem estar todas representadas convenientemente nas administrações das unidades de saúde. ●

**SALÁRIO:**

1 100 €



**Pedro Gonçalves, 38 anos**  
ENFERMEIRO NO HOSPITAL DE GUIMARÃES

“Contamos apenas como números”

**ANESTESIOLOGIA** Há 14 anos que o enfermeiro Pedro Gonçalves trabalha no Hospital de Guimarães. Iniciou a profissão em 2004, mas passou antes pelos hospitais Garcia de Orta, em Almada, e Centro Hospitalar Gaia/Espinho. Antes da pandemia, desempenhava funções no bloco operatório como enfermeiro do serviço de anestesiologia. Mas como tem experiência de trabalho nas urgências, e muitas das salas de operações fecharam, foi chamado para acudir às emergências. O risco inerente à profissão, o trabalho por turnos, os feriados e dias festivos passados no hospital, o sacrifício dos filhos, duplamente penalizado porque a mulher também é enfermeira, são os exemplos que ilustram o desgaste da profissão. “O reconhecimento não pode passar só por palavras”, sublinha, reclamando que a tutela vá mais além do discurso de agradecimento que tem proferido nas últimas semanas.

O ano passado foi particularmente turbulento para os enfermeiros. Greves, manifestações, paralisação das cirurgias em reivindicação por uma carreira mais justa, que diferencie os anos de serviço e a experiência acumulada. Em 2015, Pedro Gonçalves, como milhares de outros enfermeiros, passou a auferir 1201 euros de salário base, o que se traduz, atualmente, num valor entre os 950 e os 1080 euros líquidos mensais. O montante poderia ser superior se não tivessem sido “apagados” os anos de serviço até 2015. “Contamos apenas como números, a nossa experiência não serve para nada”, lamenta, apelando ao Governo que “no fim disto tudo ponha as mãos na consciência” e valorize a experiência acumulada destes profissionais. ●

**SALÁRIO:**

1 080 €



**Zita Gameiro, 34 anos**  
ASSISTENTE HOSPITALAR DE PSIQUIATRIA

“Não é preciso sair do país para ser bem pago”

**SAÚDE MENTAL** Foram precisos sete anos sobre a conclusão do curso de Medicina, em 2010, para que a psiquiatra Zita Gameiro entrasse na carreira médica. Está no patamar mais baixo – primeiro escalão como assistente –, que se traduz num salário líquido de 1700 euros por 40 horas semanais. “O problema é que, como não há progressão, os colegas que entraram cinco anos antes ganham o mesmo”, explica ao JN a dirigente do Sindicato dos Médicos da Zona Sul (FNAM), que trabalha no Centro Hospitalar Barreiro Montijo. Há ainda a questão dos assistentes graduados, com 20 anos de carreira, com um contrato de 35 horas semanais, que ainda ganham menos, cerca de 1200 euros.

Apesar de considerar o salário importante, a médica sublinha que se lhe “interessasse só a questão remuneratória, não tinha assinado um contrato com o SNS”. “Não é preciso sair de Portugal para ser mais bem pago”, sublinha. A importância da saúde mental nesta fase da pandemia tem sido destacada pela tutela, com anúncio de planos específicos. A especialista espera que este facto contribuía para uma valorização da área da saúde mental, que considera “um bocadinho marginalizada”.

Zita Gameiro lembra que a penosidade e o risco da profissão “não são de agora. Apesar de considerar que durante o estado de emergência não devem ser discutidas determinadas matérias, lamenta que a ministra Marta Temido tenha “recusado categoricamente” abordar um estatuto de penosidade e risco. E que, na semana passada, o Parlamento tenha rejeitado a proposta do PAN de um acréscimo remuneratório para os profissionais de saúde. ●

**SALÁRIO:**

1 700 €